
EFICIÊNCIA CONSERVACIONISTA DE MEDIDAS DE RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS: PROPOSTA METODOLÓGICA*

RICARDO VALCARCEL
Dr., Prof. Adjunto, DCA-IF-UFRRJ
ZILANDA DE SOUZA SILVA
Bacharel em Ecologia/UFRRJ

RESUMO

A recuperação de áreas degradadas encontra-se em fase de grande prosperidade tecnológica no país, principalmente no que concerne às medidas de reabilitação. As metodologias utilizadas adotam postulados teóricos, que combinam aspectos, que vão desde as necessidades ambientais das áreas até linhas filosóficas adquiridas nas diferentes escolas de formação acadêmica. Os resultados ambientais são diversos e de difícil comparação. A proposta deste estudo é sugerir formas de avaliação da eficácia conservacionista das medidas mitigadoras de impactos ambientais, utilizando o aparecimento espontâneo de plantas, como um parâmetro bio-indicador do processo de recuperação ambiental de uma área degradada. A idéia foi construída sobre resultados obtidos em área degradada, cujo decapamento médio foi de 13m, que vem sendo recuperada desde 1993.

Palavras-chave: Recuperação de área degradada, indicador biológico, avaliação ecológica

ABSTRACT

ECOLOGICAL EVALUATION OF SOME LAND RECLAMATION TECHNIQUES: A METHODOLOGICAL APPROACH

The study of land reclamation is now intensive in Brazil, mainly in relation to the rehabilitation process. Usually, the methodology utilised are based in theory and combine different aspects: environment response and philosophical point of view from different work groups. Then, the environment results obtained are diverse and difficult to be compared. The subject of this study is to suggest new ways to evaluate the conservation efficacy of a variable used in land reclamation projects. We suggest the utilisation of a spontaneous emergence of plants, as a biological indicator in the environmental recovery of degraded area. The idea was constructed with results obtained in a land reclamation area since 1993, in which an average of 13m of soil profile was removed.

Key-words: reclamation areas, biological indicator, ecological evaluation

* Apoio de Serviços de Engenharia RODOFERREA S.A.

INTRODUÇÃO

As atividades antrópicas, quando desenvolvidas desordenadamente, sem tomar em consideração aspectos conservacionistas, acarretam a degradação dos ecossistemas. Os deslizamentos, enchentes, processos erosivos acelerados e as áreas de empréstimo são evidências do uso inapropriado dos recursos naturais.

A demanda de conhecimento gerada pela sociedade, para reversão dos problemas ambientais, tem suscitado a criação de novas técnicas e estratégias de recuperação e de reabilitação de áreas degradadas, assim como dos ecossistemas intensamente modificados pela atividade antrópica.

As instituições de ensino, pesquisa e extensão, tem respondido de forma ágil às demandas da sociedade, como pode ser observado nas abordagens técnicas, mérito científico e número de trabalhos publicados nos anais dos últimos eventos específicos sobre o tema (UFRRJ, 1991; UFPr 1992 e 1994).

O uso de princípios teóricos da sucessão vegetal em ecossistemas degradados, constituem uma importante ferramenta para sua reabilitação, pois se está utilizando os próprios mecanismos da natureza local, induzindo o surgimento de novos estágios sucessionais.

Na presente proposta metodológica, apresenta-se e sugere-se estratégias de usar os mesmos princípios para avaliar a eficiência conservacionistas das medidas mitigadoras implantadas.

Utilizou-se como laboratório de observação a área experimental do Laboratório de Manejo de Bacias Hidrográficas da UFRRJ, situada na Ilha da Madeira, município de Itaguaí, RJ. Ela é uma típica área de empréstimo, onde retirou-se aproximadamente 1.10^6 m^3 de aterro para construção do Porto de Sepetiba.

MATERIAL E MÉTODOS

A área de estudo situa-se na região denominada de Costa Verde, distrito da Ilha da Madeira (latitude $23^\circ 55'07''$ - $23^\circ 55'57''$ Sul, e longitude $43^\circ 49'73''$ - $43^\circ 50'33''$ Oeste), no Município Itaguaí, Estado do Rio de Janeiro. Ela possui 10,81ha de superfície.

O clima da região é classificado como "Aw" (tropical chuvoso com inverno seco) segundo a classificação de KÖPPEN (1938).

As principais classes de solos encontrados na região são os Podzólicos nas vertentes, subclasse Podzólico Vermelho Amarelo Distrófico e Hidromórfico, subclasse Glei Húmico nas áreas de várzeas.

A área de estudo pertence ao domínio ecológico da Mata Atlântica, encontra-se entre duas importantes formações ecológicas: Manguezal e Floresta Secundária em estado inicial de sucessão (VALCARCEL, 1994).

O relevo é acidentado, com substrato inconsistente, rígido quando seco e friável quando úmido, apresenta 0,55ha de afloramento rochoso.

PROCESSO DE DEGRADAÇÃO E REABILITAÇÃO DA ÁREA

A área foi decapada entre os anos de 1978 a 1980, para a construção do Porto de Sepetiba. Nas drenagens e locais onde o processo erosivo foi acelerado, alcançou profundidade de 27m, promovendo a desfiguração da topografia remanescente, destruindo os acessos internos.

A cronologia dos processos de recuperação espontânea pode ser resumida da seguinte forma:

- a) Histórico da região antes de 1970: local de produção agrícola de subsistência, com solos exauridos e baixa produtividade. Predomínio de plantação de milho e de banana;

- b) Retirada de terra entre 1979-1980: atividade de máxima degradação, uso de maquinário pesado para remoção de substrato;
- c) Abandono da área entre 1981-1983: com processo erosivo acelerado - o material disgregado e facilmente transportado foi carreado para a Baía de Sepetiba em grande quantidade;
- d) Abandono da área 1984 -1992: processo erosivo com ténue equilíbrio, chuvas com baixa intensidade ainda carreamos sedimentos;
- e) Recuperação da área 1993 - 1996: o Laboratório de Manejo de Bacias Hidrográficas começou seus trabalhos de pesquisa e de recuperação. Já observa-se equilíbrio ambiental incipiente, registrado pelo volume de sedimentos e de espécies que colonizam espontaneamente a área.

De acordo com os fatores que influem no geodinamismo torrencial do local, estabeleceu-se o conceito de "áreas-tipo", onde agrupou-se regiões com processos erosivos e características geomorfológicas similares. Elas foram classificadas em função da combinação do Relevo com a magnitude dos processos erosivos em: Relevo acidentado, Relevo suave, Voçorocas, Áreas de drenagens e Áreas aluviais. (Ver figura 01).

Para a estabilização do geodinamismo torrencial, implantou-se as medidas mitigadoras classificadas em: medidas físicas, físico-biológicas e biológicas (VALCARCEL, 1994), com o objetivo de reverter os problemas ambientais a curto, médio e longo prazo.

As medidas mitigadoras foram implantadas de forma diferenciada em cada uma das áreas-tipo. Cada variação metodológica das medidas, foi individualizada e considerada como um tratamento. Elas totalizam 40 tratamentos (Quadro 01).

As medidas foram empregadas em áreas-tipos, totalizando 33 unidades amostrais (Quadro 02), sendo que algumas delas foram

deixadas como testemunhas, com ausência de medidas conservacionistas. Esta estratégia objetiva permitir a avaliação comparativa de eficiência conservacionista entre tratamentos aplicados a mesma área-tipo, em áreas-tipo diferentes e entre tratamentos e testemunha .

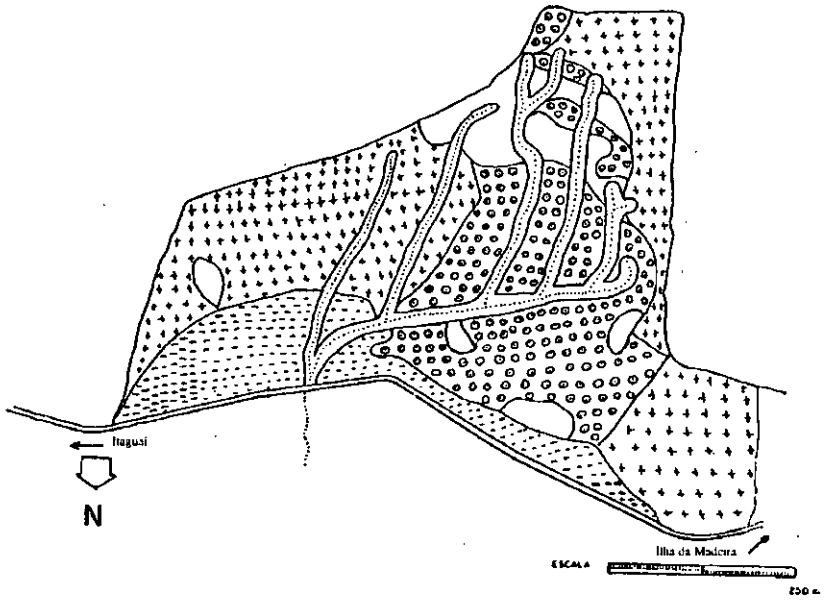
SUCCESSÃO VEGETAL

A reabilitação de uma área degradada, deve envolver um conjunto de fatores ambientais de tal forma que propicie condições para que os processos ambientais, sejam similares ao de uma vegetação secundária da região, tanto nos aspectos hidrológicos, como fitossociológico, além dos demais, que envolveriam dificuldades de ordem operacional para seu monitoramento: ciclagem de nutrientes, "construção de solo", filtragem de radiação solar, umidade, microclima e meso-fauna dos compartimentos do ecossistema: parte aérea, serrapilheira e substrato.

O uso da colonização espontânea de espécies vegetais, como variável de amostragem do nível de reabilitação do ecossistema degradado, reflete o grau de acerto da reabilitação do ecossistema degradado, pois as plantas só se estabelecem, sucedendo-se umas as outras, em função das próprias propriedades emergentes que elas mesmas geram no ecossistema: disponibilidade de água, luz, temperatura, matéria orgânica, radiação solar e construção do solo.

O processo de sucessão ecológica inicia-se em áreas disponíveis a colonização, tendo como as espécies colonizadoras as "pioneiras", espécies dependentes de luz, intolerantes à sombra, possuem crescimento rápido, vida curta, alta dispersão de semente pelo vento e por animais. As espécies tropicais mais comuns são *Ochrora lagopus*, *Cecropia* spp., *Trema micrantha*, *Schizolobium parahybum*, *Jacaranda copaia* e outras KAGEYAMA et al. (1990).

As espécies de transição possuem crescimento lento, intolerância a luz, florescimento e frutificação tardios, baixa produção de sementes, difícil dispersão e

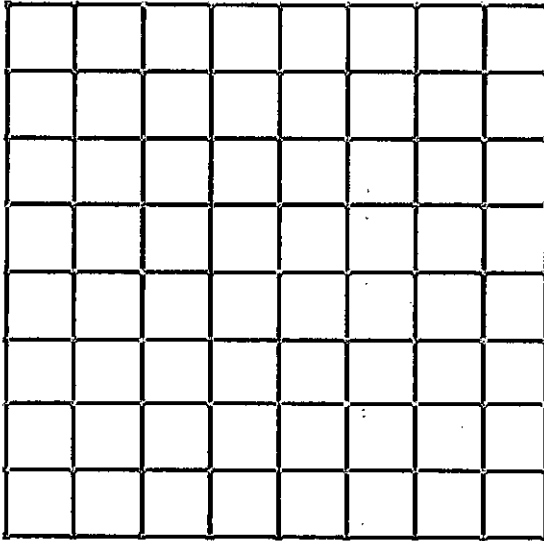


- ++ - RELEVO ACIDENTADO
- - RELEVO SUAVE
- - - - VOÇOROCA
- - ÁREAS DE DRENAGENS
- - - - ÁREAS ALUSIVAS

FIGURA 01: Distribuição das áreas-tipo

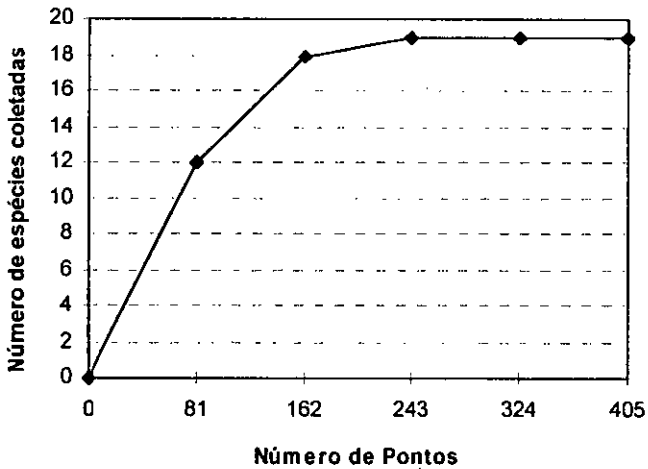
Figura 02: Amostragem e curva do coletor

a) Amostragem sistemática



Curva do Coletor

b) Curva do coletor (FRANÇES & VALCARCEL, 1995)



grande porte. Neste estágio a comunidade se torna mais heterogênea, as famílias mais abundantes são Myrtaceae, Lauraceae, Rubiaceae, Sapotaceae e Euphorbiaceae (LEITÃO-FILHO, 1993).

O estágio final de uma comunidade é mais evoluído e equilibrado. As espécies crescem lentamente, tem ciclo de vida longo, são tolerantes a sombra. O solo possui grande quantidade da matéria orgânica proveniente das camadas vegetais superiores, o solo é pobre em vegetação rasteira. A vegetação arbórea forma um dossel fechado com presença de lianas e epífitas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta metodológica define uma estratégia operacional de trabalho de campo e laboratório, estabelecendo um programa de monitoramento da dinâmica da sucessão vegetal em áreas de empréstimo com e sem medidas conservacionistas.

Os resultados destas avaliações, indicarão espécies mais aptas que se enquadram na dinâmica sucessional de áreas de empréstimo. Esta tecnologia é mais econômica e mais rápida, podendo ser estendida para os ecossistemas degradados da região de domínio ecológico da Mata Atlântica.

Com a implantação das medidas conservacionistas na área, a dinâmica dos processos erosivos foi reduzida sensivelmente, alcançando uma fase de equilíbrio estável. As medidas físico-biológicas e biológicas estão proporcionando cobertura vegetal e matéria orgânica para o substrato, dando condições para o desenvolvimento das espécies vegetais.

Considerando as medidas conservacionistas como tratamento, definiu-se parcelas amostrais no centro dos 33 tratamentos, onde o monitoramento da evolução do surgimento das espécies espontâneas deverá ser realizado periodicamente.

Os métodos fitossociológicos de caracteri-

zação das comunidades vegetais são próprios para ambientes ecológicos específicos. Eles são utilizados para levantamento fitossociológicos em áreas com diferentes estágios sucessionais (BRAUN-BLANQUET, 1979; GAETA et al., 1989; GOETZKE, 1990 e LEITÃO FILHO, 1993).

No processo de recuperação de áreas degradadas, observa-se a ocorrência simultânea de sucessão primária e secundária, em áreas espacialmente próximas. Um levantamento fitossociológico adaptado a estas peculiaridades é de difícil consecução. Optamos pela escolha do "Método de Pontos", por reunir: representatividade da vegetação e ser operacionalmente prático, além de causar menos perturbações a vegetação, tendo em vista o elevado número de unidades amostrais.

O método consiste em levantar o número de toques das espécies em uma vara vertical graduada até 1,5 cm e 0,5 cm de diâmetro. A cada toque, registra-se a espécie, sua altura e observações gerais. Sendo considerado indivíduo toda e qualquer parte do sistema aéreo da planta sobre o solo, ainda que, subterraneamente possa haver ligação entre si por meio do rizoma ou, constituírem ramos de um indivíduo (ORMOND, 1960 apud SILVA, 1991). Este método permite amostrar espécies de porte herbáceo, trepadeiras e arbustivas, dependendo da especificação e graduação da vara (CASTELLANI & STUBBLEBINE, 1993).

Os parâmetros fitossociológicos considerados e suas respectivas fórmulas são:

Média de toques $MT = NT / NP$

Frequência ou cobertura absoluta $FA = 100.NP/NTP$

Frequência ou cobertura relativa $FR = 100.FA / \sum FA$

Frequência ou cobertura na área $CR = (100 - No) . FA / \sum FA$

Densidade relativa $DR = 100.N/n$

Vigor absoluto $VA = 100 . NT/NTP$

Vigor relativo $VR = 100 . VA / \sum VA$

Índice de Valor de Importância $IVI = FR + DR + VR$

Índice de Valor de Cobertura $IVC = FA + VA$
onde:

NT = número de toques da espécie considerada
 NP = número de pontos com a espécie considerada
 NTP = número total de pontos
 No = porcentagem de pontos sem toques
 n = número de indivíduos da espécie considerada
 N = número total de indivíduos amostrados
 Σ = somatório

Experimentalmente obtivesse o tamanho mínimo representativo da vegetação de uma área-tipo (Relevo acidentado) com 180 pontos (FRANCÊS & VALCARCEL, 1995). O intervalo de distância, para fins de amostragem entre pontos foi de 0,5m, determinando área amostral

mínima de 45 m² (Figura 02).

A amostragem do mesmo indivíduo mais de uma vez (trepadeira por exemplo), será contabilizada através da média do número de toques em cada ponto. Esta informação será processada individualmente e representará o vigor da espécie (SILVA, 1991).

Os dados deverão ser levantados (Quadro 03 e 04) com periodicidade estacional, serão analisados de forma a gerar gráficos elucidativos (Quadro 05) das variações fitossociológicas das comunidades vegetais, parâmetros estes que avaliam a eficiência conservacionista entre: a) tratamento e

Quadro 01: Medidas conservacionistas

Área-tipo	Test. (código)	Medidas conservacionistas		
		Biológicas	Físicas	Físico-Biológicas
1 - RELEVO ACIDENTADO				
1.1-Substrato adensado	T1.1	B1 Plantio de sabiá B2 Plantio de várias espécies	--	FB1 Almofofada (2m) FB2 Almofofada (4m) FB3 Almofofada (8m)
1.2-Substrato não adensado	T1.2	B3 Capim jaraguá B4 Plantio de <i>Albizia lebbek</i>	F1 Calha de captação	--
2 - RELEVO SUAVE				
2.1-Profundida de > 40cm	T2.1	B5 Plantio de várias espécies	F2 Calhas de captação	FB4 Almofofada
2.2-Prof. ≤ 40cm	T2.2	--	F3 Muro de desvio	FB5 Almofofada
3 - VOÇOROCAS				
3.1-Voçorocas ativas	T3.1	B6 Plantio de <i>Cucroptia</i> sp.	F4 Calhas de captação	FB6 Almofofada
3.2-Voçorocas passivas	T3.2	B7 Plantio de várias espécies	F5 Calhas de captação	FB7 Almofofada
4 - DRENAGENS				
4.1-Drenagem principal	--	--	F3 Muro de desvio F6 Diques (m/j) F7 Travessas (m/j) F8 Espigões (m/j) F9 Muros laterais F10 Praelaça de sedimentação (m/j)	--
4.2-Drenagens secundárias	--	--	F11 Calhas de captação	--
5 - ÁREA ALOVIAL				
5.1-Leito fixo	T5.1a T5.1b T5.1c	B8 Plantio de várias espécies	--	--
5.2-Leito removível	T5.2	--	--	--
Total	10	08	15	07

Quadro 02: Unidades amostrais

Número	Tratamento (código)	Medidas conservacionistas	Área Tipo
Testemunha			
01	T1.1	Substrato adensado	Relevo acidentado
02	T1.2	Substrato não adensado	"
03	T2.1	Profundidade > 40 cm	Relevo suave
04	T2.2	Profundidade ≤ 40cm	"
05	T3.1	Vozoroca ativa	Vozoroca
06	T3.2	Vozoroca passiva	"
07	T5.1a	Leito fixo com plantio de espécies arbóreas e sem pastoreio	Área Aluvial
08	T5.1b	Leito fixo sem plantio e sem pas-tagem	"
09	T5.1c	Leito fixo sem plantio de espécies arbóreas, com pastoreio	"
10	T5.2	Leito removível	"
Medidas biológicas			
11	B1	Plantio de sabiá	Relevo acidentado com substrato adensado
12	B2	Plantio de várias espécies ("bo-quetel de mudas")	"
13	B3	Capim jaraguá	Relevo acidentado com substrato não adensado
14	B4	Plantio de Albizia lebbek em faixa	"
15	B5	Plantio de várias espécies	Relevo suave com profundidade > 40 cm
16	B6	Plantio de Cecropia sp.	Vozoroca ativa
17	B7	Plantio de várias espécies	Vozorocas passivas
18	B8	Plantio de várias espécies	Área aluvial leito fixo
Medidas físicas			
19	F6m	Diques (a montante)	Drenagem principal
20	F6j	Diques (a jusante)	"
21	F7m	Travessas (a montante)	"
22	F7j	Travessas (a jusante)	"
23	F8m	Espigões (a montante)	"
24	F8j	Espigões (a jusante)	"
25	F10m	Prancha de sedimentação (a montante)	"
26	F10j	Prancha de sedimentação (a jusante)	"
Medidas físico-biológicas			
27	FB1	Almofadas/espacamento (2 m)	Relevo acidentado com substrato adensado
28	FB2	Almofadas/espacamento (4 m)	"
29	FB3	Almofadas/espacamento (8 m)	"
30	FB4	Almofadas	Relevo suave com profundidade > 40 cm
31	FB5	"	Relevo suave com profundidade ≤ 40 cm
32	FB6	"	Vozorocas ativas
33	FB7	"	Vozorocas passivas

Quadro 03: Dados básicos

Tratamento:		Data:	Coletor:
Ponto nº	Espécies (nome/código)	Toques nº	Altura cm
1			
2			
3			
4			
5			
6			
.			
.			
.			
.			
.			
.			
.			
.			
.			
n			
-		Σ	-

10 2 14 3

Quadro 04: Dados complementares

Tratamento:			Data:			Coletor:				
Ponto nº	Serrapilheira		Expos Solar setor nº	Pedregosidade		Semen -tes	Micro topografia		Erosão	Musgos
	altura (cm)	cob. (%)		área (%)	tipo		sulcos	forma		
01										
02										
03										
04										
05										
06										
07										
08										
09										
10										
n-1										
n										

Nota:

Serrapilheira	Exposição solar	Pedregosidade	Sementes	Micrografia	Erosão	Musgo
Altura(cm)	Setor nº I - Norte(n) II - ne III -Este(e)	Tipo: solta (S); fixa(F)	Presença (P)	Sulcos: Presença(P) Ausência(A)	Presença (P) Ausência(A)	Presença (P) Ausência (A)
Cobertura (porcenta- gem, em á- rea, ocupa-da em 10x10 cm, ao redor do ponto)	IV - se V - Sul(s) VI - sv VII-oeste(w) VIII-nw	Área: porcentagem da área ocupa-da em 100cm ² ao redor do ponto	Ausência (A)	Forma: Concavo(CC) Convexo(CV) Plano(P)		

Quadro 05: Gráficos propostos

Título	Abcissa	Ordenada
Distribuição do número de espécies por família no tratamento "x".	Famílias	Espécies* (%)
Distribuição do número de indivíduos por espécie no tratamento "x".	Espécies*	Nº de indivíduos (%)
Distribuição do número de toques por espécie no tratamento	Espécies*	Nº de toques (%)
Relação entre o número de pontos e o número de toques no tratamento "x".	Nº de toques	Nº de pontos (%)
Distribuição do Índice de Valor de Importância (IVI) das famílias amostradas no tratamento "x".	Famílias	IVI (%)
Distribuição do Índice de Valor de Importância (IVI) das espécies amostradas no tratamento "x".	Espécie*	IVI (%)

Nota: A comparação entre tratamentos deve envolver o uso de histogramas sobrepostos, no eixo das abcissas. As espécies(*) com baixa magnitude dos índices, deverão ser agrupadas em categoria especial.

testemunha; b) tratamentos diferentes em uma mesma área-tipo e c) tratamentos similares em áreas-tipos diferentes.

CONCLUSÕES

A proposta apresentada contribui para o equacionamento metodológico de estudos de avaliação da eficiência conservacionista de medidas de recuperação de áreas degradadas. Ela permite acompanhamento da evolução dos processos de reabilitação ambiental. Ela é laboriosa, porém é objetiva e viável;

Ela constitui uma ferramenta importante para aferir quantitativamente a eficiência das medidas conservacionistas em relação a reabilitação ambiental, onde a composição florística e fitossociológica possuem papel de grande relevância;

Os resultados ambientais da implantação das medidas conservacionistas durante o período de 1993 a 1996 são visualmente perceptíveis e hidrologicamente satisfatórios, porém quantitativamente precários. A presente metodologia constitui uma importante ferramenta para avaliar o surgimento de propriedades emergentes de difícil quantificação (intangíveis);

A proposta aponta uma estratégia, com início, meio e fim. Facilitando a tomada de decisão quando a metodologia de avaliação a ser utilizada para monitoramento da composição floresca da área de empréstimo. Ela não esgota o assunto, trata-se apenas de uma contribuição metodológica no sentido de ajustar a variação das propriedades emergentes decorrentes das medidas conservacionistas implantadas em ecossistema degradado;

As magnitudes dos dados fitossociológicos, analisadas dentro do contexto das medidas conservacionistas implantadas, evidenciam o grau de acerto das operações desenvolvidas e, podem colaborar no aperfeiçoamento e desenvolvimento de novas medidas conservacionistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAUN-BLANQUET, J. *Fitossociologia. Bases para el estudio de las comunidades vegetales*. HBLUME Ed. (trad. Jorge Halucat Jo). Madri. Espanha. 1979. 820p.
- CASTELLANI, T. T. & STUBBLEIBINE, W.H. Sucessão Secundária Inicial em Mata Tropical Mesófila, após Perturbação por Fogo. *Rev Bras. Bot.* 16(2):181-02, 1993.
- FRA R. Medidas Físico-Biológicas de Recuperação de Áreas Degradadas: Almofadas. *Relatório Final do CNPq*, Itaguaí, RJ, 1995.
- GAETA, M. M., POMPÉIA, S. L. MENDONÇA, R. R., SINISGALI, P. A. de A., MARTINS, S. E., MENEGUETTI, A. M. L. & CURY, M. Aspectos Fitossociológicos da Vegetação da Serra do Mar Degradada pela Poluição Atmosférica de Cubatão. *CETESB*. São Paulo, SP, 1989. 50p.
- GOETZKE, S. Estudo Fitossociológico de uma Sucessão Secundária no Noroeste do Paraná, Proposta para Recuperação de Áreas Degradadas. *Tese de Mestrado*. UFPr, Curitiba, PR, 1990. 238p.
- KAGEYAMA, P. Y., REIS, A. & CARPANEZZI, A. A. Potencialidades e Restrições da Regeneração artificial na recuperação de áreas Degradadas. In: *Simpósio Nacional Recuperação de Áreas Degradadas*. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Pr, 1990. 238p.
- KÖPPEN, W. *Das geographische system der klimate*. Handbuch der Klimatologie. Borhtraeger. Berlím. 1938.
- LEITÃO FILHO, H.F. (Org.) *Ecologia da Mata Atlântica em Cubatão*. Campinas, Sp. Editora UNESP/Editora da Unicamp. 184p. 1993

SILVA, M.B.R. Fitosociologia da Vegetação Lenhosa de Restinga em Maricá, Rio de Janeiro. *Tese de Mestrado*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 1991. 147p.

UFPr Simpósio nacional recuperação de áreas degradadas. *Anais ...*, UFPr, Curitiba, Pr. 520p. 1992

_____ I Simpósio sul-americano e II simpósio nacional de recuperação

de áreas degradadas. *Anais ...*, UFPr, Foz do Iguaçu, Pr, 679p. 1994.

UFRRJ Workshop sobre recuperação de áreas degradadas. *Anais ...*, UFRRJ, Itaguai, RJ, 202p. 1991.

VALCARCEL, R. *Plano de Recuperação Ambiental*. Serviço de Engenharia RODO-FÉRREA S.A. RJ, 1994. 64p.